

**O PROCESSO DE LUGARIZAÇÃO A PARTIR DAS  
PRÁTICAS DE PERMACULTURA NA ECO ALDEIA  
FLECHA DA MATA (ARACATI/CE)**

**THE PROCESS OF *LUGARIZAÇÃO* FROM PERMACULTURE  
PRACTICES IN ECO ALDEIA FLECHA DA MATA (ARACATI/CE)**

**<sup>1</sup>Raquel Cunha Paiva, <sup>2</sup>Gutemberg Henrique Dias,  
<sup>2</sup>Carlos Daniel Silva e Souza & <sup>2</sup>Marisa Rocha Bezerra**

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
Rua Sabino Leite, 65, Mossoró – RN, Brasil. CEP: 59.626.670  
raquelcuunha@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
Avenida Professor Antônio Campos, s/n, Mossoró – RN, Brasil  
CEP: 59.610-210

Recebido 26 de Junho de 2020, aceito 06 de Agosto de 2020  
DOI: <https://doi.org/10.26512/2236-56562020e40186>

**Resumo:** A presente pesquisa buscou entender a formação do processo de lugarização na Eco Aldeia Flecha da Mata (Aracati/CE) através da topofilia desenvolvida com a realização das práticas de permacultura, seguindo seus princípios éticos e de *design*, calcados na sustentabilidade e bem-estar dos indivíduos que a vivenciam. O estudo foi realizado através de pesquisas bibliográficas seguidas de visitas de campo à aldeia, através de conversações e *checklist* dos princípios, ressaltando o contínuo diálogo com os moradores e voluntários do local. No desenvolvimento da racionalização sobre os dados levantados na pesquisa, foi ressaltado o contexto socioeconômico que direciona os comportamentos socioespaciais da sociedade e a ligação entre sustentabilidade e bem-estar no sentimento topofílico dos indivíduos. A pesquisa considerou que a

topofilia desenvolvida na aldeia desencadeou o processo de lugarização nesse espaço, proporcionada pelas práticas permaculturais e o seguimento dos seus princípios éticos e de *design*, possibilitando novas perspectivas de organização social e inspirando formas de conexão entre indivíduo e o espaço.

**Palavras-chave:** topofilia, lugarização, permacultura; sustentabilidade, bem-estar.

**Abstract:** The present study intended understand the formation of the process of *lugarização* in Eco Aldeia Flecha da Mata (Aracati/CE) through topophilia developed with the realization of practices of permaculture, following its design and ethical principles based on sustainability and well-being of individuals who experience it. The study was carried out through bibliographic searches followed by field visits to the village, through conversations and checklist of the principles, emphasizing the continuous dialogue with the residents and volunteers of the place. In the development of rationalization about the data collected in the research, the socioeconomic context that directs society's socio-spatial behaviors and the link between sustainability and well-being in the topophilic feeling of individuals was highlighted. The study considered that the topophilia developed in the village triggered the process of *lugarização* in that space, provided by permacultural practices and the following of its ethical and design principles, enabling new perspectives of social organization and inspiring forms of connection between individual and space.

**Key-words:** topophilia, *lugarização*, permaculture, sustainability, well-being.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa relaciona conceitos geográficos com a teoria e prática exercitada pela permacultura. O conceito-chave da Geografia utilizado no estudo é “lugar” e sua ramificação “lugarização” atribuída por Marcelo Lopes

de Souza (2016). A compreensão do conceito de “topofilia” proposto por Yi-Fu Tuan (1974) surge como condição inicial, essencial para o entendimento do processo de lugarização. Esses conceitos são ligados aos três princípios éticos e aos doze princípios de *design* da permacultura. A reflexão sobre essa relação é feita a partir de um estudo de caso na Eco Aldeia Flecha da Mata, localizada no município de Aracati, estado do Ceará. O intuito do estudo é entender o desenvolvimento do processo de lugarização em um espaço no qual se vive sob um tipo de organização social alternativa, diferente da sociedade convencional regida pelo sistema capitalista.

Na Geografia Clássica, o conceito de “lugar” era utilizado no contexto de localização, mas é resgatado nos anos de 1970 pela Geografia Humanista na perspectiva de “espaço vivido”, com base no existencialismo e na fenomenologia. Tuan é um dos contribuintes desse resgate, aprofundando-se no estudo do comportamento humano e suas conexões com o ambiente, o que resultará no seu livro *Topofilia* (1974), que revela a importância e subjetividade das simbologias que permeiam o espaço através da vivência humana (HOLZER, 2003). Como a permacultura sugere que o ser humano se envolva com o espaço de forma consciente, coletiva, harmônica e pensando de modo holístico, o conceito de lugar pode se encaixar adequadamente.

A permacultura é uma nova proposta de organização social calcada na sustentabilidade, que resgata a cultura das sociedades tradicionais, por serem mais harmônicas com a natureza (MOLLISON, 1998). Por esse motivo, seus defensores apontam que ela se contrapõe às estruturas do sistema capitalista, que degrada fortemente a natureza, comprometendo o futuro do planeta. Esse fato caracteriza a situação global em um período de crise ambiental, que é fruto do desenvolvimento tecnológico e industrial capitalista, como afirma Foladori e

Taks (2004), que aliena as relações sociais de produção e se apropria do espaço desequilibrando as relações entre sociedade e natureza.

No contexto da crise ambiental e do desequilíbrio entre o ser humano e o meio ambiente, é importante ressaltar a necessidade da ascensão da sustentabilidade no modo de vida social, e principalmente urbano, uma vez que o processo de modernização da humanidade a distanciou do entendimento de fatores básicos que são imprescindíveis para a vida.

O espaço é o ponto de encontro onde tudo acontece. É nele onde existe a natureza, a sociedade e as relações entre elas (VESENTINI, 1989). Através dessa lógica, o estudo do lugar tem potencialidade no âmbito das ciências humanas, pois as vivências, os símbolos e os sentimentos induzem o modo como indivíduo se conecta com os espaços.

A Eco Aldeia Flecha da Mata é uma estação permacultural, que tem na essência do seu espaço e de suas atividades os princípios éticos e de *design* da permacultura. Os moradores e voluntários que vivenciam a aldeia exercitam em seu dia a dia práticas sustentáveis que conectam o indivíduo com a natureza através da filosofia de vida que é agregado ao lugar. Nesse sentido, a Eco Aldeia Flecha da Mata tem atividades culturais, espirituais, lúdicas, mas também cursos e tarefas que instigam o cuidado com a natureza. Os ambientes que permeiam a aldeia são planejados através de bioconstrução, que valoriza a construção a partir de material natural, biodegradável, local e enfatizando a autoconstrução, que é o morador construir sua própria casa (SOARES, 1998).

A partir dessas premissas, o presente estudo analisou o desenvolvimento da toponímia na Eco Aldeia Flecha da Mata e buscou entender o processo de lugarização nesse ambiente por meio das práticas de permacultura.

## METODOLOGIA

### Área de estudo

A estação permacultural Eco Aldeia Flecha da Mata está localizada na zona rural do município de Aracati, no estado do Ceará, nas proximidades da praia de Canoa Quebrada. Inserida no semiárido do nordeste brasileiro, o espaço geográfico que abriga a aldeia tem sua paisagem marcada pelo Complexo Vegetacional da Zona Litorânea, abarcando a Caatinga arbustiva e Carnaubeiras. Localiza-se em cima de Tabuleiros Costeiros da Chapada do Apodi, com clima Tropical Quente Semi-árido Brando, segundo a FUNCEME (2017). O município de Aracati é marcado por um litoral de praias famosas nacional e mundialmente, recebendo turistas de diferentes lugares o ano todo (CHAGAS; MARQUES; DUARTE, 2013), principalmente na praia de Canoa Quebrada, que fica a apenas 5 km da Eco Aldeia Flecha da Mata (Figura 1).

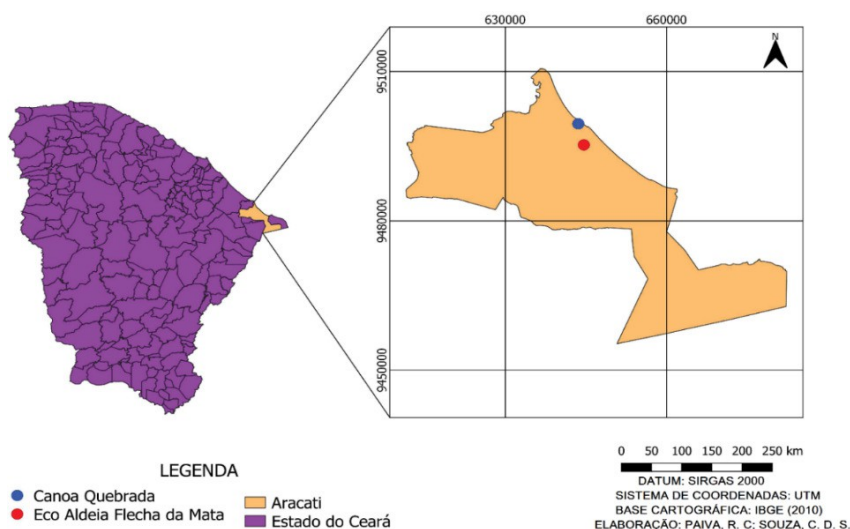


Figura 1 – Mapa de localização da Eco Aldeia Flecha da Mata. Fonte: Acervo da autora.

A aldeia teve início no final do ano 2011, a partir da compra de um terreno particular que sugeriu ser um bom lugar para praticar as ideias permaculturais. Com o passar dos anos, permacultores de outros estados foram convidados à Eco Aldeia para ministrar aulas em eventos promovidos, – ligados à permacultura e xamanismo – que auxiliaram na manutenção e sustento do espaço, como o fornecimento de técnicas.

Atualmente a aldeia tem parcerias com a comunidade local (que praticam e não praticam a permacultura), onde realizam práticas culturais (capoeira e cerâmica) e instituições de permacultura. A permacultura, na Eco Aldeia Flecha da Mata, está inserida em todo o contexto que o espaço proporciona, ela é vista como o estudo de um todo, que ajuda no processo de entendimento de vivência, de caracterização e nas observações feitas no espaço. Ela é o elo que conecta o espaço físico com a ideia que intenciona suas vivências cotidianamente.

Periodicamente, a aldeia recebe ajuda de voluntários que se disponham a experienciar uma vivência coletiva, de no mínimo 3 semanas em contato direto com a natureza, através da perspectiva da permacultura. Os voluntários executam atividades cotidianas da aldeia, como cuidar das hortas, fazer compostagem, participar de atividades culturais, cursos e eventos, receber visitantes etc. Durante o período das visitas de campo, a aldeia estava com dois moradores e cerca de três voluntários.

A estação permacultural Eco Aldeia Flecha da Mata é um laboratório prático de experiências visando a sustentabilidade e enriquecendo o indivíduo de forma holística. A aldeia se aprofunda em respeitar os processos cíclicos da natureza, por isso se preocupa em desenvolver suas estruturas em bioconstrução, usando os recursos que estão disponíveis e que sejam, de preferência, biodegradáveis. Nesse sentido, se conectam vários outros fatores que contribuem para uma vida confortável, com praticidade e com sustentabilidade, desdobrando a biocostrução

em: tratamento das águas; em bioenergias; em costumes de alimentação comunitária, orgânica e saudável dentro dos princípios da agrofloresta; e em pensar o lixo.



*Figura 2 – Oca da Eco Aldeia Flecha da Mata. Fonte: Acervo da autora.*

### **Materiais e métodos**

A metodologia aplicada na presente pesquisa segue um sequenciamento lógico que garantiu a estruturação das reflexões do assunto abordado, dividido em etapas, cada uma ajustada às necessidades que sugere a pesquisa.

A primeira etapa é o levantamento bibliográfico, que embasa os conceitos fundamentais da pesquisa para a compreensão do trabalho em estudo, como a temática que envolve a permacultura, meio ambiente, sustentabilidade, bem-estar, espaços com símbolos, topofilia, o conceito geográfico “Lugar” e suas relações dentro do âmbito capitalista do mundo globalizado. Alguns arquivos foram encontrados disponíveis na internet, como na ferramenta “Google

Acadêmico” e em sites ligados à permacultura. Complementam os livros e periódicos estudados para nortear as discussões e reflexões aqui expostas.

Após a fundamentação teórica, a segunda etapa foi a pesquisa de campo, elemento imprescindível para a pesquisa geográfica, e principalmente para o estudo de caso que trabalha a Eco Aldeia Flecha da Mata, localizada em Aracati (CE). A pesquisa de campo foi feita por visitas programadas, conhecendo suas práticas cotidianas e eventuais em diálogos espontâneos com os moradores e voluntários que vivem a aldeia. As visitas foram realizadas nos dias 24/08/2019 e 25/01/2020. A Aldeia conta com 2 moradores e voluntários temporários, que variam durante as semanas. Um importante destaque se dá na aplicação do olhar geográfico durante a visita, investigando aspectos fisionômicos do local, como características do clima, relevo e vegetação e percebendo as transformações espaciais que ocorreram e ocorrem nesse espaço vivido.

Ainda durante a visita de campo, foi aplicada a terceira etapa, que corresponde a conversações espontâneas com vista a identificar nos entrevistados a real utilização dos princípios éticos e de *design* de permacultura, como também a atribuição de significados que consiste na possível identidade de lugar. Foi também executado o *checklist* dos princípios éticos e de *design* de acordo com a base teórica e prática de cada princípio. É necessário frisar que cada princípio foi debatido e refletido juntamente com o morador e idealizador da Eco Aldeia Flecha da Mata, no intuito de entender os significados subjetivos os quais o morador atribui ao lugar e às ideologias que permeiam a permacultura.

A quarta etapa é a análise das informações a partir da apreciação dos dados coletados em campo. Relacionando os dados com os conceitos fundamentais da pesquisa, foram elaborados os resultados, que puderam gerar discussões ao conversar com as ideias dos autores. O *checklist* dos princípios éticos e de *design* norteou os resultados, pois pôde esclarecer as práticas permaculturais e



seus planejamentos dentro da aldeia, como também ligar a permacultura com a ideia de lugarização para entender se desenvolve esse fenômeno. Os mapas da pesquisa foram confeccionados no software de fonte livre QGis 3.4. O mapa de localização da Eco Aldeia Flecha da Mata georreferencia com precisão o estudo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A Geografia, como ciência que estuda as relações humanas no espaço, compreende o espaço em vários âmbitos, incluindo transformações espaciais conscientes, abarcando questões ambientais e identitárias, que envolve atribuições simbólicas a uma determinada vivência. Milton Santos (2008) argumenta que a Geografia estuda o espaço não apenas como um “sistema de coisas”, mas sim as relações entre natureza e sociedade. Essa relação, Tuan (1983) escreve que é o modo em que o lugar se torna uma realidade consciente para o indivíduo, pois é o lugar que traduz o compartilhamento da vivência e das lembranças. É uma experiência de significados atribuídos.

Hoje é possível observar que o estilo de vida da população mundial está moldado pelo sistema socioeconômico vigente, o capitalismo, onde difunde seus ideais através da globalização. Leff (2002) enfatiza que a civilização moderna se baseia num raciocínio econômico inserido na produção, na organização burocrática, na tecnologia e na ideologia disseminada pelo Estado. Essa lógica distancia o ser humano do entendimento de funcionalidade das coisas, como por exemplo, não se sabe ao certo como são produzidos os alimentos, as roupas, ou como o comportamento humano afeta a vida de outras pessoas, da natureza, do espaço e do planeta.

Uma alternativa criada para a reconexão do vínculo do ser humano com a natureza e o entendimento de quais são suas necessidades básicas (bem como

elas podem ser saciadas), foi o pensamento ambientalista, que gerou várias formas de se relacionar com a natureza, buscando equilíbrio. Fabri (2014) aponta que o movimento ambientalista contemporâneo surge em volta de 1950, no pós segunda guerra mundial, com a mudança de mentalidade vinda da ciência, e com o surgimento das ONGs em 1960, potencializando ainda mais os movimentos para mudança do comportamento humano, impulsionando também a luta dos movimentos sociais (feminismo, movimento negro etc.).

Na transição dos anos 60 para os anos 70, a ideia de que a tecnologia desenvolveria formas de suprir os limites da natureza, contradizia a disponibilidade de recursos naturais que exigia o crescente desenvolvimento social e tecnológico capitalista. Deste modo, a Organização das Nações Unidas (ONU) cria a PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e realiza a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente (Conferência de Estocolmo), defendendo que o meio ambiente tenha condições de vitalidade para as atuais e futuras gerações (FABRI, 2014). A ideia de sustentabilidade pela UICN (1984) traz a essência da Conferência de Estocolmo, que as gerações atuais tenham condições de suprir suas necessidades, mas não afetando as futuras gerações. Os fundamentos da sustentabilidade vêm no âmbito da globalização e reorganiza a sociedade para um “processo civilizatório da humanidade”, de modo a interferir na economia, na vida humana e os processos produtivos (LEFF, 2009)

Com o surgimento do capitalismo, as relações humanas empáticas foram dominadas por dispositivos ideológicos que incitam poder e hierarquia, entre eles o consumo, a militarização, a ideia de país e o próprio desenvolvimento (econômico), que ignora o conhecimento e bens individuais com intuito de fazer o indivíduo querer trabalhar para adquirir o que ele não possui e o que não necessita essencialmente, modificando totalmente o modo que a sociedade

mantém relações interpessoais (BONZATTO, 2010). Essa modificação social interfere no processo de lugarização, sendo de modo que a própria ideologia dominante pode tentar definir onde e quais são os espaços onde ele ocorrerá, induzindo, forçadamente, um outro estilo de vida em que as pessoas terão que seguir para sobreviver a esse sistema. Segundo Foladori (1999), por consequências do mundo capitalista é a partir de coisas produzidas que o ser humano se relaciona com o meio ambiente, o alienando de suas características biológicas e afetando as relações sociais e ecológicas. Ana Fani (2004) discute que a evolução do mundo mercadológico, que é a base do desenvolvimento do espaço urbano, produz a separação entre ser humano e natureza, transformando tudo em mercadoria e enfraquecendo as relações sociais. O resultado disso é a alienação do espaço urbano como o próprio ser humano.

A ideia de que o desemprego é uma ameaça à sustentação da vida (e não uma oportunidade de ver outras formas de sobrevivência), é uma produção de dependência que o sistema insere na mentalidade social, “coisificando” tudo o que há em volta, seja o ser humano, a natureza, as relações, o espaço, o lugar... tudo! (BONZATTO, 2010). Essa “coisificação” reestrutura a importância da subjetividade, não parecendo ser relevante um processo de lugarização, um sentimento de pertencimento e uma identidade individual e de bem-estar, restringindo a sociedade para o objetivo de trabalhar para sobreviver.

Como é possível perceber, esse sistema socioeconômico desequilibra as relações humanas com o espaço num sentido humano-simbólico, mas também no sentido físico-material. Os recursos naturais sempre foram fonte imprescindível para a sobrevivência humana (e de demais espécies), mas com o nascimento de uma ideologia que gera dependência de trabalho, e consequentemente, de consumo, a natureza passa a ser vista não apenas como a que oferta condições de vida mas sim como a que dará recursos para gerar maior crescimento econômico,

ocasionando o extrativismo exacerbado, que trilha os passos da crise ambiental, afetando as futuras gerações e o futuro do planeta.

A sociedade sempre se recria, transformando suas questões de identidade e suas configurações espaciais. O modo como a sociedade se vê no espaço surge como uma identidade espacial, mas as concepções são distorcidas na modernidade, onde é construído que para se encaixar com tal identidade, mesmo sendo ela criada pelo próprio indivíduo, é necessário consumir. E, então, para se sentir inserido num grupo ou contexto, a sociedade consome demasiadamente (MARANDOLA JR; HOLZER; OLIVEIRA, 2012).

*Os seres humanos transformam a Terra, fazem dela seu mundo e, por sua vez, essas transformações afetam o que elas são. Sack insiste sobre esse ponto: “Nossa natureza geográfica dá forma a um mundo e a nós mesmos, a nossas ações, nossa consciência e nossas preocupações morais”. Nós não somos necessariamente conscientes dessa natureza geográfica, dessa “geograficidade” evocada por Eric Dardel. Mas Sack acrescenta que tomar consciência dela aumenta a eficácia de nossas ações, a clareza de nossas adesões e a abertura de nossos valores morais. (MARANDOLA JR; HOLZER; OLIVEIRA, 2012, p.108)*

Ao refletir sobre a noção que o ser humano deveria ter sobre natureza geográfica, é importante frisar que alguns grupos sociais conseguem se sensibilizar às consequências das suas ações, adesões e valores morais. Muitos desses grupos seguem uma lógica ambientalista, voltada à vida harmônica na Terra. Um grupo muito específico usa a permacultura como instrumento de percepção, pois ela “está baseada principalmente na observação direta da

natureza do lugar” (BONZATTO, 2010, p. 30). A Eco Aldeia Flecha da Mata é um exemplo de grupo que valoriza a observação do lugar como implementação da permacultura, destacando-se como uma organização social alternativa à sociedade urbana e capitalista.

Para restaurar as relações humanas com a natureza é importante o uso de tecnologias desprovidas de poder, que Bonzatto (2010) chama de tecnologias de convivência (convivência coletiva, autônoma, permanente, sustentável e que reconduza as relações interpessoais), partindo dos princípios da permacultura.

*Enfim, a divulgação de tais tecnologias em ambientes favoráveis, pode ter a capacidade de mobilizar a comunidade num movimento de autogestionamento, recuperando as solidariedades grupais, dando sentido à vida do grupo, gerando ações propositivas e articulando autoestima com projetos políticos viáveis. (BONZATTO, 2010, p. 25)*

Grupos culturais diferentes experienciam o espaço de formas diferentes, mas essas diferenças também significam valores e ideias do espaço que tal uso carrega em sua essência (PROSHANSKY; FABIAN; KAMINOFF, 1983). Como cada grupo tem uma experiência própria com os espaços, com a Eco Aldeia Flecha da Mata não seria diferente. Ela se ergue com o intuito de praticar a permacultura como um modo de reconexão entre os seres humanos e a natureza de forma saudável e que proporcione bem-estar.

De acordo com o que Ribemboim discorre em seu livro, os questionamentos trazidos por Scanlon (apud RIBEMBOIM, 2012) para o entendimento da qualidade de vida são importantes para elucidar a vivência na aldeia. As perguntas são: quais circunstâncias proporcionam boas condições para a

vida? O que faz a vida ser boa para a pessoa que a vive? O que faz a vida ter valor? Durante a pesquisa de campo, as três perguntas de Scanlon foram debatidas com os moradores da aldeia. Ao iniciar o diálogo sobre as perguntas foi observado pelos entrevistados o caráter subjetivo da pesquisa, que contém um teor filosófico, promovendo boas reflexões antes de uma resposta simples e objetiva.

Envolvidos em pensamentos e princípios filosóficos, os moradores da aldeia refletem a vida como troca e compartilhamento de conhecimentos, ressaltando o autoconhecimento, no qual se reconhece “o espírito superior que está dentro de cada um” (fala do morador Fábio). Enfatizam sempre a vida em coletivo, destacando palavras como “união”, “o próximo” e “compartilhar”. As respostas às perguntas de Scanlon se esclarecem de modo em que a vida em coletividade, a qual se compartilha, cuida e pensa no outro, mas também resgatando as necessidades individuais e em contato com a natureza, conectam o caminho para a qualidade de vida. Para os moradores da aldeia, o modelo de qualidade de vida se realiza através da permacultura. Essa perspectiva se entrelaça com a ideia de que a qualidade de vida depende da qualidade ambiental, precisando que exista um equilíbrio na natureza para que a sociedade consiga se desenvolver (SEABRA, 2012). A permacultura utiliza seus princípios éticos e de *design* ajudando a dar “uma direção para colocar em prática aquilo que acreditamos” (fala do morador Fábio).

A Tabela 1 corresponde ao *checklist* dos princípios éticos que permeiam a aldeia. A coluna “Pratica” são as éticas que a aldeia mantém em prática, e a coluna “Não Pratica” são as éticas que a aldeia não considera em seu dia a dia.

Tabela 1: Prática dos Princípios Éticos da Permacultura. Fonte: Acervo da autora.

PRINCÍPIO	PRATICA	NÃO PRATICA
 <b>1. Cuidar da Terra</b>	X	
 <b>2. Cuidar das pessoas</b>	X	
 <b>3. Partilha justa</b>	X	

A aldeia pratica a ética “1. Cuidar da Terra” através das atividades sustentáveis, como a bioconstrução, a separação e aproveitamento de águas e resíduos e a preocupação para redução de impactos ambientais. A ética “2. Cuidar das pessoas” é percebida por meio das atividades culturais, como rituais xamânicos, yoga, dança, feiras ecológicas, alimentação saudável, música e o contato com voluntários e visitantes. Já o princípio ético “3. Partilha justa” se realiza através das atividades solidárias, o melhor exemplo dessa ética é a cozinha comunitária.

A Tabela 2 é um *checklist* dos princípios de *design* que são exercidos em prática na Eco Aldeia Flecha da Mata. A coluna “Pratica” são os princípios que realmente são realizados cotidianamente na aldeia. A coluna “Pratica parcialmente” são princípios que são praticados na aldeia, mas ainda precisam de ajustes para melhor contemplação da ideia do princípio. E na coluna “Não pratica” são os princípios que não são realizados na prática.

Tabela 2: Prática dos princípios de design. Fonte: Acervo da autora.

PRINCÍPIO	PRATICA	PRATICA PARCIALMENTE	NÃO PRATICA
 <b>1.Observe e interaja</b>	X		
 <b>2.Capte e armazene energia</b>	X		
 <b>3.Obtenha rendimento</b>		X	
 <b>4.Pratique a autor-regulação e aceite feedback</b>	X		
 <b>5.Use e valorize os serviços e recursos renováveis</b>		X	
 <b>6.Não produza desperdícios</b>		X	



 <b>7.Design partindo de padrões para chegar aos detalhes</b>	X		
 <b>8.Integrar ao invés de segregar</b>	X		
 <b>9.Use soluções pequenas e lentas</b>	X		
 <b>10.Use e valorize a diversidade</b>	X		
 <b>11.Use as bordas e valorize os elementos marginais</b>	X		
 <b>12.Use criativamente e responda às mudanças</b>	X		

Os princípios servem como instrumentos de avaliação da prática permacultural. De acordo com o seguimento das ideias dos princípios, a prática da permacultura se mantém holística e consegue realizar o sentido dos princípios éticos que regem a permacultura. Manter os princípios seguidos à risca pode ser uma atividade extremamente difícil, pois conviver em uma ética alternativa ao que é proposto pelo sistema é enfrentar dilemas sociais, econômicos e culturais, além de singularidades geográficas.

Na Tabela 2, a Eco Aldeia Flecha da Mata pratica todos os princípios, mas apenas três parcialmente. No princípio 3, “Obtenha rendimento” é praticado parcialmente pois a aldeia ainda não consegue produzir tudo que é necessário para a sobrevivência, precisando trazer produtos de fora, como alimentos, por exemplo. O princípio 5, “Use e valorize os recursos renováveis” é praticado parcialmente por ter muita relação com o princípio 3, “Obtenha rendimento”, fazendo com que a aldeia ainda precise consumir. Outro aspecto importante são as características climáticas do semiárido nordestino, que apresenta períodos longos de estiagem, interferindo na disponibilidade de recursos. Já no princípio 6, “Não produza desperdício”, a aldeia consegue obter um bom aproveitamento de recursos, sendo em reciclagem, compostagem, reaproveitamento das águas etc., mas ainda existem alguns resíduos que são desperdiçados.

A importância de fazer o *checklist* para entender relação da prática dos princípios se dá pelo engajamento que a aldeia tem em seguir com as ideias da permacultura. Como o ambiente foi construído para a realização de práticas permaculturais, é necessário saber como essas práticas vêm se desenvolvendo e qual o vínculo está sendo atribuído a essas experiências no âmbito espacial da Eco Aldeia Flecha da Mata. A partir do *checklist* da Tabela 2, fica claro que a aldeia esteve engajada em praticar a permacultura, considerando seus princípios e éticas cotidianamente, como sua ideologia de vida.

A técnica de construção utilizada na permacultura, a bioconstrução, guiou o desenvolvimento dos ambientes criados na Eco Aldeia Flecha da Mata, pois, além de ser importante nas práticas permaculturais, promovendo habilidades técnicas e sustentáveis, são ambientes imprescindíveis para a vida humana (casa, banheiro, cozinha etc.). Através da autoconstrução, que significa o morador construir os ambientes que ele vai usufruir, conseqüentemente se cria uma sensibilidade e cuidados mais apurados e é manifestado facilmente a identidade do indivíduo.

“Ter animais por perto, estar em contato com a natureza, ter pessoas que compartilham os mesmos interesses, construir a nossa própria casa é o que faz a gente se sentir bem” (fala do morador Fábio). Fábio Flecha, morador e idealizador da Eco Aldeia Flecha da Mata, diz que a autoconstrução está dentro de uma filosofia que o faz sentir bem-estar e ter afinidade com o espaço, o ajudando a se sentir pertencido à aldeia, que a denomina seu “lar”, e a entender as relações de impacto ao meio ambiente. Como argumenta o morador Odran, durante uma visita de campo:

*“Aqui na aldeia eu tive a oportunidade de observar as práticas, pôr em prática e aperfeiçoar. A aldeia proporciona uma percepção sustentável, porque quando eu vim para cá, eu vim para aprender sobre a permacultura e não tem como parar o aprender sobre a permacultura. Uma das propostas da aldeia é a observação, sentir o lugar, observar o lugar e reconhecer como agregar a esse lugar [...] eu sinto que aqui aguça a minha sensibilidade, aos animais, às plantas. Preciso retirar as camadas que nos formataram: a escola, o capitalismo, o egoísmo, o materialismo e todos os ísmos que fazem a sociedade sub existir.” (Fala do morador Odran)*

Para fazer a humanidade se perceber parte do meio natural, a sustentabilidade surge como um “guia ideológico”, que insere uma nova forma de olhar o ambiente, junto à coletividade e qualidade de vida, onde a permacultura trabalha além da esfera acadêmica de termos e soluções duras, pois adentra na perspectiva também emocional e espiritual, assegurando uma sociedade sustentável mais completa (DANTAS, 2017). “Eu quero entender a essência do que eu estou praticando. Todos nós estamos em débito como planeta e eu me sinto responsável por o que eu tenho que fazer.” (fala do morador Odran).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises observadas é possível observar que a Eco Aldeia Flecha da Mata consegue construir topofilia pelo ambiente através das práticas de permacultura, acarretando o processo de lugarização. A permacultura, por ser holística, consegue trabalhar as suas atividades unindo a esfera físico-material à esfera humano-simbólica de modo inteligente, saudável e funcional. O indivíduo, por ter em seu cotidiano as práticas permaculturais, exercita um olhar questionador e racional, analisando os aspectos técnicos, culturais, sustentáveis e naturais do meio, desenvolvendo afetividade pelo espaço e bem-estar por vivenciá-lo.

Os três princípios éticos, “Cuidado com a Terra”, “Cuidado com as pessoas” e “Partilha justa” são praticados na aldeia, ressaltando o compromisso com a ética permacultural e a sua atribuição ao cotidiano atitudes solidárias que fortificam o sentimento afetivo com o lugar.

Ao seguir os doze princípios da permacultura, as pessoas que vivenciam aquele ambiente interagem com o espaço de forma afetiva e atenciosa, pois entendem e se preocupam com os impactos que podem ser causados à natureza. É através da autoconstrução que a Eco Aldeia Flecha da Mata possibilita ao morador e ao voluntário entender o seu impacto na natureza e atribuir sua

identidade e experiência aos símbolos que permeiam o lugar. A criação de ambientes no espaço, atribui funcionalidade e sustentabilidade à eco aldeia, de maneira em que os moradores e voluntários os usufruem de forma consciente, aplicando habilidades, técnicas, experiências culturais e espirituais.

O idealizador e morador, Fábio Flecha, e as demais pessoas que convivem na aldeia (seja morador ou voluntário) se identificam como natureza, não apenas um ser independente e isolado, e sim como elemento indissociável e dependente da dinâmica natural exercida pelo meio ambiente. Essa percepção estreita o contato entre as pessoas durante suas vivências na aldeia pelo fato de compartilharem seu modo de pensar, como também têm a aldeia como um elo que integra sua filosofia de vida à realidade.

Portanto, através das observações feitas durante as visitas de campo à aldeia e no discurso proferido pelos moradores e voluntários que vivenciam a Eco Aldeia Flecha da Mata, é possível identificar toponímia desenvolvida nesse espaço, o que caracteriza um processo de lugarização, fazendo da aldeia um lugar.

É importante destacar que esse estudo é inspirador, pois, apesar de ele não poder ser vivenciado amplamente no meio urbano, ele inspira muitas práticas de conexão com a natureza e comprova possibilidades de se fazer uma relação mais harmônica, saudável e sustentável. Também abre caminhos para que as pessoas possam se perguntar e encontrar respostas de como realizar processos de lugarização em seus espaços de forma mais autêntica. Na experiência da Eco Aldeia Flecha da Mata, o seu caminho foi construído no modo como eles vivenciam o espaço e esse é o fator que desenvolve o processo de lugarização, a identidade espacial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONZATTO, E. A. **Permacultura**: e as tecnologias de convivência. São Paulo: Ícone, 2010.
- CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHAGAS, M. M; MARQUES, S; DUARTE, A. C. F. **Análise do processo de formação da imagem de destinos turísticos de sol e praia**: um estudo em Canoa Quebrada/CE. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 7(3), pp. 456-475, set./dez. 2013.
- DANTAS, B. R. N. **A permacultura como instrumento de sustentabilidade na comunidade rural Chã de Jardim, Areia – PB**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: 2017.
- FABRI, A. **A evolução do pensamento ambientalista desde suas origens até a proposta contemporânea da sustentabilidade**. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia. Belo Horizonte: UFMG, 2014. ISBN: 978-85-62707-62-9.
- FOLADORI, G. **O capitalismo e a crise ambiental**. Raízes, ano XVIII, n. 19, p. 31-36, 1999.
- FOLADORI, G; TAKS, J. **Um olhar antropológico sobre a questão ambiental**. 2004. Mana, 10(2), 323-348.
- FUNCEME. Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos. *Volume Armazenado*, 2017.
- HOLZER, W. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista**: uma contribuição para a geografia contemporânea. In: GEOgraphia. Ano V, n. 10, 2003.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MARANDOLA JR, E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOLLISON, B; SLAY, R. M. **Introdução à permacultura**. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

ORSI, R. A. Sustentabilidade e qualidade de vida: dimensões para o desenvolvimento urbano. In: SEABRA, G. (organizador). **Terra: cidades, natureza e bem-estar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

PRINCÍPIOS de Desenho. **Permaculture Principles**. Disponível em: <<http://permacultureprinciples.com/pt/principles.php>>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

PROSHANSKY, H.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. Place identity: physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**. Nova York, Elsevier, v. 3, p. 57-83, 1983.

RIBEMBOIM, J. Por uma “agenda marrom”. In: SEABRA, G. (organizador). **Terra: cidades, natureza e bem-estar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SEABRA, G. Natureza, consumo e a reciclagem das cidades. In: SEABRA, G. (organizador). **Terra: cidades, natureza e bem-estar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SOARES, A. L. J. **Conceitos básicos sobre permacultura**. Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998. Acessado em 01/09/2019. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/>

educacaoambiental/images/stories/biblioteca/permacultura/Conceitos\_Basicos\_  
Permacultura\_Andre\_Soares.pdf

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1974.

UICN. **Estratégia Mundial para a Conservação**: A conservação dos recursos vivos para um desenvolvimento sustentado. São Paulo: CESP, 1984.

VESENTINI, J. W. **Geografia, natureza e sociedade**. São Paulo: Contexto, 1989.